

UM FILME DE THOMAS VINTERBERG



Urso de Prata

66^a Internationale
Filmfestspiele
Berlin

Melhor Actriz



KOLLEKTIVET

A COMUNA

TRINE DYRHOLM ULRICH THOMSEN HELENE REINGAARD NEUMANN
MARTHA SOFIE WALLSTRØM HANSEN LARS RANTHE FARES FARES
MAGNUS MILLANG ANNE GRY HENNINGSEN JULIE AGNETE VANG



alambique



A COMUNA

TU ESCOLHES A TUA FAMÍLIA.

UM FILME DE THOMAS VINTERBERG

A COMUNA é um retrato cheio de humor e de delicadeza, mas também uma representação comovente e dolorosa de uma inteira geração, uma declaração de amor gentil mas assertiva de uma geração de idealistas e sonhadores confrontada com as suas convicções e os seus próprios ideais.

Erik e Anna são um casal com um sonho: juntos com a sua filha Freja montam uma comuna no enorme casarão de Erik, no bairro mais chique de Copenhague. Com a família no centro da história, somos convidados a entrar no sonho de uma verdadeira comunidade; participamos nas reuniões domésticas, nos jantares e nas festas. É amizade, amor e a vida em conjunto debaixo do mesmo tecto, até que um devastador caso de amor sujeita a comuna ao seu maior teste.

SOBRE THOMAS VINTERBERG

Co-fundador do movimento Dogma 95 e realizador de êxitos internacionais multi-premiados, como A FESTA e A CAÇA, Thomas Vinterberg apresenta-nos outro poderoso drama escrito em colaboração com o seu amigo argumentista e realizador Tobias Lindholm. A COMUNA é o terceiro filme da sua feliz colaboração, que começou com SUBMARINO, aclamado pela crítica, e continuou com A CAÇA vencedor de múltiplos prémios.

"Desde os sete aos 19 anos vivi numa comuna. Foram tempos loucos, calorosos e fantásticos, rodeado de genitais, cerveja, intelectuais discussões académicas, amor e tragédias pessoais. Como criança, cada dia era um conto de fadas. A simples acção de deixar a privacidade do meu quarto e percorrer as áreas comuns da casa podia oferecer uma variedade de cenários surpreendentes, graças aos outros residentes e às suas diversas excentricidades. Olhando para trás, é um período cheio de memórias douradas e momentos absurdos. A casa tornava-se escura como um raio pelo menos durante cinco dias por mês, devido aos ciclos biológicos das mulheres já muito poderosas, que governavam a casa. Ciclos que não sei como se tornaram síncronos ao longo do tempo. As ceias do grupo, que aconteciam todas as quintas-feiras e domingos

evoluíam em geral para jantares avassaladores e por vezes catastróficos. A noção de «reunião doméstica» era a autoridade suprema – uma reunião democrática onde os elementos da casa partilhavam as suas sensibilidades e discutiam qualquer assunto que lhes interessasse. Recordo uma reunião doméstica em que foi decidido que a renda seria paga na proporção do rendimento de cada habitante da comuna. Esta noção foi alegremente proposta por um homem que ganhava muito mais do que todos os outros, e em consequência a sua renda mais do que duplicou. Embora a comuna fosse formada por pensadores com boa educação, a vida nessa altura parece agora ingénua e idealista ao extremo – abundava a esperança no futuro..."

THOMAS VINTERBERG

"Os espíritos livres de Thomas Vinterberg encantam a Berlinale. O dinamarquês diz viva o amor em THE COMMUNE, provavelmente o melhor filme" | **Diário de Notícias**

"Uma interpretação principal emotiva e intensamente concentrada de Trine Dyrholm" | **The Guardian**

"Uma comédia doce" | **Hollywood Reporter**